



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO MÉDIO, TÉCNICO E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
CURSO DE PEDAGOGIA – PARFOR/CAPES/UEPB

YANA PATRÍCIO MIRANDA

CONVÍVIO ESCOLAR E INDISCIPLINA

PATOS/PB

2019

YANA PATRÍCIO MIRANDA

CONVÍVIO ESCOLAR E INDISCIPLINA

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado como requisito para o Curso
de Graduação em Pedagogia
(PAFOR/CAPES/UEPB) da Universidade
Estadual de Paraíba, Centro de Ciências
Exatas e Sociais Aplicadas, Polo de
Patos/PB, em cumprimento às exigências
para obtenção do grau de Licenciatura em
Pedagogia.

Orientador: Profa. Ma. Lidiane Rodrigues Campêlo da Silva

PATOS/PB

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M672c Miranda, Yana Patricio.
Convívio escolar e indisciplina [manuscrito] / Yana Patricio
Miranda. - 2019.
19 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação EAD em
Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Estadual da
Paraíba, EAD - Patos, 2019.
"Orientação : Profa. Ma. Lidiane Rodrigues Campêlo da
Silva, Coordenação do Curso de Matemática - CCEA."
1. (In)disciplina. 2. Convívio escolar. 3. Comportamento. I.
Título

21. ed. CDD 370

YANA PATRÍCIO MIRANDA

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado como requisito para o Curso de Graduação em Pedagogia (PAFOR/CAPES/UEPB) da Universidade Estadual de Paraíba, Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas, Polo de Patos/PB, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovado em: 01/07/2019.

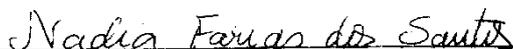
BANCA EXAMINADORA



Profª Ma.:Lidiane Rodrigues Campêlo da Silva - Orientadora
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profª Dra Janine Vicente Dias
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profª Ma. Nádia Farias dos Santos
Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	4
2 A INDISCIPLINA ESCOLAR	6
2.1 Os PCNS e o trabalho com valores na escola	8
3 O ESTÁGIO: CAMPO DE PESQUISA E FORMAÇÃO	9
3.1 O Estágio nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental	9
3.1.1 Aproximação a Realidade Escolar	10
3.2 A observação da prática pedagógica	13
3.3 O processo de intervenção no ensino fundamental: breve relato	15
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
REFERÊNCIAS	18

CONVÍVIO ESCOLAR E INDISCIPLINA

Yana Patrício Miranda¹
yanapmiranda@gmail.com

RESUMO

Este trabalho aborda o tema da indisciplina escolar e tem o objetivo geral de investigar a abordagem que a indisciplina recebe na escola e como os autores se referem a ela. Como objetivos específicos: investigar a abordagem que os PCNS dão às relações do convívio escolar e relatar atividades de intervenção com o tema comportamento. É um estudo de natureza qualitativa, com relato de experiência realizada durante o Estágio Supervisionado nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A indisciplina é entendida em linhas gerais como a desobediência às normas. Já os PCN propõem um trabalho reflexivo educativo para possibilitar o desenvolvimento da autonomia dos alunos, propondo o trabalho com temas como respeito mútuo, justiça, diálogo e solidariedade.

Palavras-chave: (In)disciplina. Convívio escolar. Comportamento.

ABSTRACT

This work addresses the topic of school indiscipline and has the general objective of investigating the approach that indiscipline receives in school and how the authors refer to it. As specific objectives: to investigate the approach that the PCNS give to the relations of the school community and to report intervention activities with the subject behavior. It is a qualitative study, with experience reported during the Supervised Internship in the initial years of Elementary School. Discipline is broadly understood as disobedience to norms. On the other hand, the NCPs propose reflective educational work to enable the development of student autonomy, proposing work on themes such as mutual respect, justice, dialogue and solidarity.

Keywords: (In)discipline. School convoy. Behavior.

1 INTRODUÇÃO

O trabalho ora apresentando constitui atividade obrigatória para a conclusão do Curso de Pedagogia – PAFOR e tem como tema de pesquisa a indisciplina escolar. O trabalho faz uma reflexão sobre a indisciplina na sala de aula e possibilidade de formas didáticas para melhor compreendê-la e preveni-la. Assim, essa discussão é ligada à linha de pesquisa II - A escola e o aluno das séries iniciais do Ensino Fundamental – temas transversais, do Curso de Pedagogia da UEPB/PARFOR/CAPES.

¹ Licencianda em Pedagogia pela UEPB-Parfor.

A indisciplina é presente no cotidiano escolar de muitas instituições, seja de forma mais tímida ou muito visível, é um entrave ao bom andamento pedagógico.

O interesse em estudar o tema surgiu na disciplina de Estágio Supervisionado por presenciar momentos desafiadores aos professores e até para a gestão escolar ou mesmo a fala de alguns membros escolares relatando o problema. Com base nessa vivência que o Estágio proporciona, notamos que tanto seria importante estudar mais sobre o assunto para entender melhor sobre ele e poder agir em sala de aula de forma mais harmoniosa e assim conseguir realizar a vivência docente/ regência de sala.

Na atualidade há uma defesa para que o tema da indisciplina seja tratado não apenas como um aspecto individual, mas que precisa ser estudado e entendido levando em conta outros fatores sociais, culturais, econômicos. Isto porque são aspectos que interferem nas relações entre os alunos e com os professores.

Seguindo essa visão, os seguintes questionamentos motivaram este estudo: Com qual abordagem a indisciplina é tratada na escola e por autores? Como ela se manifesta no dia a dia da sala de aula? Como os Parâmetros Curriculares orientam que deve ser trabalhado com as relações no convívio escolar? Que alternativas se tem na sala de aula para trabalhar o comportamento dos estudantes?

Destes questionamentos, surgiram os objetivos da pesquisa, são eles: geral – identificar o tipo de abordagem que a indisciplina recebe na escola e como os autores se referem a ela. Objetivos específicos: investigar a abordagem que os PCNS dão às relações do convívio escolar e relatar atividades de intervenção com o tema comportamento.

Estudar sobre a indisciplina é importante porque compreendendo melhor sobre suas causas e fatores que interferem no comportamento dos estudantes na escola, o professor ter chance de trabalhar projetos com essa temática e até mesmo não ver o aluno indisciplinado como uma pessoa má. Desse modo, auxilia na formação do professor e nesse caso do Pedagogo que por trabalhar com crianças precisa guiar e conduzir o relacionamento entre os alunos na sala de aula.

Trata-se de um estudo de natureza qualitativa porque busca justamente compreender o problema da indisciplina presente nas relações sociais em sala de aula, no ambiente em que acontece. A motivação pela pesquisa surgiu no campo de Estágio e durante a vivência docente nos Anos Iniciais trabalhamos com essa temática em sala de aula, contendo assim relato de experiência de algumas atividades.

2 A INDISCIPLINA ESCOLAR

Cada vez mais ouvimos professores dizerem que está mais difícil ser professor, que não se dá mais aula como antigamente e que no passado havia respeito ao professor, que os alunos escutavam e eram mais obedientes. Nós mesmos presenciamos situações nas escolas que nos deixam preocupados e muitas vezes sem saber como agir.

Embora não possamos afirmar de forma absoluta que todas as escolas enfrentam problemas com indisciplina, a presença dela em algumas instituições é muito preocupante, pois a falta de limites, o desrespeito, até violência e vandalismo estão aumentando de proporção, muitas vezes até filmadas e divulgadas pela internet. Desse modo, Garcia (2001, p. 376) entende que “na atualidade, a indisciplina ainda que seja um dos mais antigos e persistentes fenômenos do cotidiano das escolas, parece estar sofrendo um processo de reinvenção nas últimas décadas”.

Quadro esse que traz um grande prejuízo ao processo educacional, não apenas para os alunos considerados indisciplinados, mas também para os demais presentes na sala de aula. Isto porque para que ocorra aprendizagem também é necessário existir um bom ambiente, com clima de respeito e companheirismo.

Assim, diante do problema da indisciplina é comum a pergunta “de quem é a culpa?”. Autores mostram esse tipo de questionamento mostra a preocupação com transferências de responsabilidade. Escolas criticam pais dizendo que não souberam educar e dar limites aos filhos; professores passam a culpa também para os alunos, destacando que são carentes e vem de realidades desestruturadas; famílias culpam a maneira que os conteúdos estão sendo transmitidos, que as aulas não são atrativas (BRITO, 2012).

Porém outras perguntas precisam ser feitas e que em vez de transferir a responsabilidade indicam a intenção das pessoas em procurar soluções ou alternativas. Citamos como exemplo: o que pode ser feito para melhorar a situação? Como pode ser feito? Sabemos que na educação os problemas são muitos, mas, como já foi mencionado, é preciso haver boa convivência na aula para que haja aprendizagem.

A função do professor no ambiente escolar é de grande importância e muito complexa, pois no seu trabalho para lidar com conflitos, precisa usar não apenas seu lado intelectual, mas também humano e emocional. É preciso trabalhar também essas questões com os estudantes e procurar investigar os motivos que levam a eles a se mostrarem rebeldes, desobedientes às regras e agirem com falta de respeito com os outros. O ideal é também que a escola possa contar com o apoio profissional de psicólogos, psicopedagogos, principalmente nos casos mais extremos é preciso contar com outros apoios.

Estamos tratando e relatando problemas e sentimentos que são comuns nas escolas, sobre o que comumente se chama de indisciplina, porém é importante saber qual ou quais conceitos ela tem. Segundo o dicionário Aurélio (1992) indisciplina significa “procedimento, ato ou dito contrário à disciplina, desobediência, desordem, rebelião”. Enquanto disciplina significa “regime de ordem, imposto ou livremente consentido, ordem que convém ao funcionamento de uma organização”.

Pensando na sala de aula, uma maneira interessante de lidar com as normas é envolver os alunos na discussão dessas normas, porque elas existem e porque são importantes. Vê-se também que muitos professores no começo do ano letivo criam junto com os seus alunos a partir do diálogo combinados, acordos de convivência. Algumas salas de aulas mostram esses combinados por meio de cartes feitos pelos alunos, contendo textos e desenhos. Porém em outras também se vê cartazes destacando que não se deve agir assim, não se pode agir de tal modo.

Analisando os dois exemplos podemos dizer que os alunos quando são envolvidos na elaboração das normas se sentem participantes dela, podem exercer a autonomia e até mesmo cobrar dos colegas quando eles quebram as regras criadas pela turma. Já nas salas e escolas em que as regras são impostas, onde o não é muito destacado os estudantes se sentem desafiados a quebrar regras.

Assim, muitas vezes a indisciplina é caracterizada como “descumprimento de ordens, pela falta de limites, por desafiar professores e provocá-los com palavras ou atos agressivos”(BUENO, 2000). Para Caeiro e Delgado (2005, p. 24),

A indisciplina deve ser pensada como um acontecimento que implica uma multiplicidade de aspectos que estão ligados a tudo o que diz respeito ao ensino; professores, alunos, organização escolar, práticas educativas, bem como os objetivos e as perspectivas que orientam essas práticas.

Já para Veiga (2007, p. 9) a indisciplina

é um dos principais problemas nas escolas, acrescenta que em decorrência dela o professor passa por situações estressantes, gerando neles ansiedade antes, durante e depois das aulas. Sendo um fator influente para que professores se sintam fracassados, chegando alguns até a abandonar a profissão porque não estão preparados para lidar com as situações”.

Vê-se assim que a indisciplina na escola e na sala de aula contribui para outros tipos de fracasso, seja o da aprendizagem ou até mesmo o sentimento de impotência dos professores e está diretamente ligada às relações sociais escolares onde nas quais se inclui a relação professor-aluno e dele como mediador dessas relações em classe.

2.1 Os PCNS e o trabalho com valores na escola

Uma das perguntas que fizemos para este trabalho foi em relação a maneiras para enfrentar a indisciplina. Quando apresentamos o conceito de indisciplina dado pelos autores que a associam a quebra de regras, já demos um exemplo de como alguns professores enfrentam essa questão em suas salas de aula. Além disso, por meio das pesquisas também identificamos que existe um volume dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, lançado em 1998 pelo Ministério da Educação (MEC) que discute temas transversais e ética. E que, por isso tratam dessa questão das relações na escola.

O documento explica que valores e atitudes precisam ser ensinados na escola, mas que esse ensino é pouco presente na realidade. Menciona que um dos problemas de não ser abordado em sala é o fato de não serem percebidos como conteúdos de nenhuma matéria (BRASIL, 1998).

Assim, o documento estimula que a escola faça um trabalho direcionado sobre as relações interpessoais no convívio escolar e define que esse convívio “refere-se a todas as relações e situações vividas na escola, dentro e fora da sala de aula, em que estão envolvidos direta ou indiretamente todos os sujeitos da comunidade escolar” (BRASIL, 1998, p.50).

Alerta ainda que esse trabalho com valores e o desenvolvimento de atitudes na escola não deve ter o sentido de reduzir as situações de ensino ao controle do comportamento dos alunos, mas observando as relações presentes no dia da sala de aula e da escola, intervir diante do comportamento dos alunos de forma permanente

e sistemática buscando que eles atinjam, desenvolvam dia após dia a sua autonomia. Assim,

Nas relações interpessoais, não só entre professor e aluno, mas também entre os próprios alunos, o grande desafio é conseguir se colocar um no lugar do outro, compreender seu ponto de vista e suas motivações ao interpretar suas ações. Isso desenvolve a atitude de solidariedade e a capacidade de conviver com as diferenças (BRASIL, 1998, p.45)

É nessa forma de entender que os PCN trabalham as relações sociais na escola, na busca pelo desenvolvimento da autonomia dos alunos e propõe o trabalho com temas como respeito mútuo, justiça, diálogo e solidariedade.

3 O ESTÁGIO: CAMPO DE PESQUISA E FORMAÇÃO

O Estágio Supervisionado como disciplina obrigatória, possibilitou o estudo do que é e como é ser professor que trabalha com crianças não só por meio do estudo de textos, mas também com a experiência de exercer a função em que está se formando. Dá a possibilidade da reflexão entre o que se estuda na faculdade e o que se encontra na realidade da escola.

Essa análise foi realizada no Estágio destinado a Gestão escolar, Educação Infantil e anos iniciais do Ensino fundamental, por meio do uso de instrumentos de coleta de informações como o questionário, aplicado a gestores e professores, assim como a observação direta da escola e da sala de aula com o objeto de compreender como é o trabalho de pedagogo nestas etapas.

Estas vivências podem ser caracterizadas como pesquisas com características qualitativas, pois como explica Neves (1996, p.1) “em certa medida, os métodos qualitativos se assemelham a procedimentos de interpretação que empregamos no dia a dia”. Além de nestas disciplinas se ter também a obrigação de estagiar desenvolvendo uma intervenção em cada fase. Vamos descrever e refletir um pouco sobre como ocorreu essa experiência no estágio desenvolvido nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

3.1 O Estágio nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental

O ensino brasileiro vem passando por constantes modificações, uma delas inseriu a última série da Educação Infantil conhecida por alfabetização ao Ensino

Fundamental, esta etapa é obrigatória e é ofertada para as crianças e jovens com idade entre 6 e 14 anos, passando de 8 para 9 anos de escolaridade, conforme a lei Nº 11.274 16 de fevereiro 2006 emenda da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) 9.394/96. Essa legislação, no Art. 32 expressa que o objetivo desta etapa é desenvolver a formação básica para a cidadania, estimulando-se:

- I - o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;
- II - a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;
- III - o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;
- IV - o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social (BRASIL, 1996);

Notamos assim que o documento esclarece que além das aprendizagens cognitivas esta etapa deve proporcionar também o desenvolvimento de comportamentos saudáveis, respeitos e que haja a valorização da convivência e da tolerância. Este destaque chamou nossa atenção para a análise de como estavam se dando a vivência das crianças no ambiente escolar entre elas e os demais membros daquela comunidade escolar.

3.1.1 Aproximação a Realidade Escolar

A escola Campo do Estágio e da presente pesquisa foi a Escola Municipal de Ensino Fundamental Tenente Titico Gomes no município de São José de Espinharas-PB, situada na Rua João Coriolano de Medeiros- S/N bairro: centro. A época desta fase de campo a instituição não estava funcionando em seu prédio próprio, tendo em vista que passava por uma ampla reforma.

A escola atende atualmente a um público de duzentos e cinquenta e sete (257) alunos distribuídos nos turnos manhã e tarde. Pela manhã encontram-se em atendimento educacional um total de cento e trinta e dois alunos (132) nos anos iniciais do Ensino Fundamental, de 1º ao 5º ano. No período da tarde matriculados outros cento e sete (107) estudantes do 6º ao 9º ano alunos, além de outros 18 em turma de CEJA multisseriada que funciona em prédio anexo. Somando esses três quantitativos temos o total mencionado.

A partir da leitura de documentos da escola, da observação da movimentação dos estudantes na escola e da conversa com professores e gestores pode-se dizer que a instituição recebe alunos provenientes de diferentes localidades do município de São José de Espinharas tais como: sítios, fazendas, zonas de assentamentos. Em geral, possuem baixo poder aquisitivo e sobrevivem com o auxílio do Bolsa Família, enquanto para algumas famílias essa é a principal ou até mesmo a única fonte de renda.

Em sua maior parte, os estudantes vêm de famílias com baixa escolaridade, sendo esse fator um dos motivos que atrapalha as famílias a ajudarem de forma efetiva seus filhos no processo de aprendizagem. Os docentes, bem como a gestão da instituição, ressaltam que isso torna-se um desafio a mais à prática educacional, pois fica sobre a responsabilidade exclusivamente da escola a tarefa de alfabetizá-los e de fazê-los avançar em suas aprendizagens.

A gestão da escola deixa evidente que um tipo de apoio a aprendizagem escolar dos estudantes ocorre, muitas vezes, devido a existência de programas e projetos governamentais como uma espécie de “extensão” das atividades escolares e que, em geral, funcionam no contra turno à matrícula dos estudantes como é o caso do Programa Novo Mais Educação. À época da fase de campo deste estudo, a escola disponibilizava oficinas de letramento em Português e em Matemática, oficinas de Banda e de Esportes.

Observou-se ainda que a estrutura física provisória da unidade escolar era pequena, mas funcionando normalmente e em bom estado de conservação. Para o suporte pedagógico de aprendizagem identificou-se que a escola disponibiliza alguns recursos técnicos para uso nas aulas, a exemplo de TV, projetor de slide, DVD, aparelho de CD, retroprojetor, aparelho de som. Material quase sempre ocupado por estar em uso pelos professores e alunos, havendo necessidade de agendá-los para utilização tendo em vista a pouca quantidade disponível.

O quadro profissional da instituição é composto por trinta e seis (36) funcionários, dos quais dezoito (18) são professores, sendo sete (07) deles dos anos iniciais do Ensino Fundamental, destes cinco (05) são efetivos e dois (dois) são contratados. Em relação a formação dos docentes de anos iniciais identificou-se que os sete (07) são graduados, com formação em pedagogia, todos são especialistas. No quesito formação para atuação na Educação Básica o corpo docente da escola

atende ao que é exigido no artigo 32 da LDB, de ter formação em nível de graduação em curso de licenciatura para atuar na escola.

No intuito de conhecer o que pensa a gestora da Escola sobre o trabalho desenvolvido na instituição, aplicamos um questionário que foi respondido pela diretora adjunta da unidade, a qual atendeu prontamente às interrogativas feitas por escrito, bem como em todas as questões elucidativas sobre algum ponto específico que se fizeram necessárias no decorrer do estudo.

A gestora já contabiliza vinte e um anos (21) atuando na educação como professora. É formada em História e tem especialização em História do Brasil. Devido a sua trajetória na Educação foi convidada, por intermédio político, a assumir o cargo como diretora adjunta o qual ocupa a apenas aproximadamente dois anos na escola.

Sobre os instrumentos utilizados na gestão escolar e que facilitam a estruturação, a rotina e o trabalho da unidade, ela mencionou o Projeto Político Pedagógico (PPP), o Programa de Desenvolvimento das Escolas (PDE) e o Conselho Escolar. A instituição adota a gestão democrática, pois informa que toda decisão mais importante é tomada de forma coletiva: “é tudo feito em reunião”. Acrescenta ainda que o planejamento ocorre quinzenalmente e que a instituição trabalha com projetos. Sobre as temáticas trabalhadas ela explica: “isso vai depender das necessidades; o problema é discutido, o projeto é elaborado e debatido para se colocar em prática”. A gestora ainda explica que todas as atividades e projetos são articulados com a participação do corpo docente, pautada no consenso de todos.

Como problemas do dia a dia, relata a falta de estrutura e de material suficiente ao bom funcionamento de uma escola. Destaca ainda que a instituição apresenta um baixo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). Nas turmas de 4ª série/5º ano em 2017 atingiu a nota 3.5 e deveria ter atingido a meta estabelecida para 2018 que seria 4.6, ficando abaixo 1,1 da meta projetada.

Ela comenta: “Temos uma boa equipe de profissionais em sala de aula, porém ainda há muitos problemas na aprendizagem, a família desestruturada também tem prejudicado esse crescimento”. Nota-se que na sua expressão há uma relação entre esse baixo rendimento, a desestrutura familiar e falta de acompanhamento dos filhos na escola e mesmo dispondo de um bom quadro de professores a instituição não consegue garantir no tempo certo uma boa aprendizagem para seus estudantes, problema enfrentado por muitas outras escolas.

Relacionado à Política Educacional e voltada para a questão do currículo escolar, perguntamos se ocorreu estudo relativos a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) sobre as mudanças que o documento traria para a escola. A respondente comentou “A escola promoveu um dia de discussão para responder direto no site a pesquisa sobre a BNCC. A base atual propõe uma aprendizagem, mais ativa, prática, e menos expositiva. Sendo que isso precisa sair do papel para fazer diferença”.

Nota-se que ela percebe pontos positivos, mas também uma distância entre o que existe como norma e a condição concreta de tornar esse tipo de aula uma constante realidade na escola em que trabalha. Acrescenta ainda: “Apesar de ter sido aberto aos profissionais, a pesquisa e revisão, a forma como é feita não dá tempo para haver de fato discussão e conhecimento sobre o assunto. Deveria ser uma discussão mais ampla, para chegarmos a um fim”. Pela fala da gestora também se pode perceber que ainda parece ser comum as mudanças serem quase impostas e determinadas pelos governos não havendo uma discussão mais profunda e um domínio do que essas alterações podem trazer na realidade.

Pelos problemas destacados pela gestora sobre o baixo nível de aprendizagem dos conteúdos escolares, percebe-se que uma mudança no tipo de aulas ofertadas pode causar algum avanço na aprendizagem dos estudantes, mas acredita-se que outros pontos também estão envolvidos para que essas aulas mais práticas se tornem frequentes. Podemos lembrar alguns pontos como a formação e a habilidade do professor para trabalhar dessa maneira, mais tempo e recursos precisam estar disponíveis para o preparo desse tipo de aula, dentre outros.

3.2 A observação da prática pedagógica

Para a compreensão da atividade de ensinar e aprender é necessária uma aproximação ao espaço da sala de aula com o compromisso de entender a ação dos professores e dos alunos. Desse modo, realizamos a observação direta na turma de 3º ano do Ensino Fundamental na escola-campo de Estágio e de Pesquisa.

Fomos bem recebidas tanto pela professora quanto pelos alunos. A turma era composta de vinte nove (29) crianças frequentes. Algumas se mostraram educadas, tratando os seus colegas e a professora com respeito e prestando atenção na hora da explicação. Outros alunos não resolviam as atividades nem prestavam atenção às aulas, chegando até mesmo a atrapalhar os outros colegas, andando de carteira em

carteira, sendo preciso que a docente pedisse o auxílio da direção para conversar com alguns deles.

Observou-se que no período destinado a fase de observação de campo o aspecto físico da sala de aula não contribuiu adequadamente visto que não oferecia espaço suficiente para a quantidade de crianças. Todos os dias, ao chegar em classe a professora precisava esperar que o vigilante trouxesse mais carteiras para a acomodação das crianças, perdendo parte do tempo de aprendizagem com esses ajustes. Além disso, considerando o tamanho físico da sala ela ficava superlotada e tornava o ambiente ainda mais quente do que o natural. Esses fatores, diante de nossa percepção, interferiram na concentração, envolvimento e desenvolvimento das atividades propostas pela docente.

A professora do 3º ano demonstrou ser muito esforçada e ter uma boa relação cotidiana com os alunos, apesar de enfrentar em sua sala de aula o problema da indisciplina. Ela aparenta planejar bem as suas aulas e se esforça para que eles não fiquem com dúvidas, pois sempre ao explicar qualquer conteúdo alguns alunos ficavam atentos na explicação enquanto outras não dava importância para aula. Notou-se o esforço da professora para que aquelas crianças aprendessem os conteúdos trabalhados nas aulas. Esse comportamento revela que a docente se preocupa que eles percebam a educação como forma de possibilitar a eles um crescimento na vida e uma chance de terem futuras profissões.

As aulas que observamos no 3º ano do Ensino Fundamental se organizavam em torno dos conteúdos de cada matéria trabalha de acordo com o dia da semana. Os conteúdos eram anotados no quadro, sendo que algumas vezes o livro didático foi utilizado, algumas das atividades eram fotocopiadas e outras também escritas na lousa. Após a explicação da professora, os alunos resolviam as tarefas de classe enquanto ela perguntava e olhava quem tinha dúvida, terminando de resolver eram corrigidas no quadro. Todos os dias a docente passava exercícios para casa e a aula do dia seguinte começava pelas correções da matéria correspondente. Durante o período foram utilizados como recursos para as aulas, o livro didático, folhas xerografadas, notebook, Datashow e caixa amplificadora.

O que mais nos chamou atenção foi a maneira como a professora trata os alunos, pois se dirige a todos da mesma forma e, em suas aulas, os conteúdos apresentaram-se de forma bem trabalhada. Ela, ao nosso ver, demonstrou tentar que eles aprendam não só os conteúdos, mas que entendam o que é a vida do ser

humano, mostrando o valor que tem a escola na vida deles para terem um futuro promissor.

Como um dos objetivos do Estágio em sua fase de observação direta da sala de aula é compreender o trabalho do professor, como ele lida com a turma, como trabalha com os conteúdos, conhecer as metodologias adotadas em sala e quais as facilidades e dificuldades enfrentadas no dia a dia de seu trabalho, percebemos que as questões de relacionamento entre os colegas e também com a docente era um problema que merecia ser trabalhado com caráter educativo. Diante dessa observação e do diálogo com a docente sobre esta necessidade, acertou-se como temática para a intervenção pedagógica o tema indisciplina que será apresentado na seção seguinte.

3.3 O processo de intervenção no ensino fundamental: breve relato

Uma forma de lidar com o que comumente se chama de indisciplina é trabalhar com temas que permitam abordagem do conteúdo específico das matérias, mas também dê condições ao professor de tratar de questões educativas mais amplas, como abordar valores da convivência humana. Diante desta forma de perceber como poderíamos realizar este trabalho buscamos amparo nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), Volume 08 que trata da Apresentação dos Temas Transversais e Ética para o primeiro e segundo ciclos que correspondem de 1º ao 5º ano, os anos iniciais do Ensino Fundamental, espaço de atuação do referido Estágio.

Os conteúdos escolhidos para o trabalho em sala de aula a partir da consulta a este material foram os seguintes: Ética, Respeito Mútuo, Valores e Desenvolvimento Moral. Cada tema foi trabalhado com o desenvolvimento dos assuntos, exemplificando situações, construindo argumentações a partir das atividades, dialogando junto com as crianças e assim, mostrando e fazendo com que eles compreendessem a importância de cada tema para nós, para termos uma convivência respeitosa e harmoniosa.

Para tanto, passamos a descrever cada atividade realizada, sua finalidade e como ocorreu a reação e a participação dos estudantes em relação a elas.

- a) Debates sobre regras de convivência com o objetivo de que eles tivessem um bom diálogo entre si e com os demais colegas da escola, no ônibus e em

toda sociedade. A atividade ocorreu a partir da distribuição dos alunos em dois grupos. Cada equipe tinha como tarefa apresentar e discutir as regras que estavam presentes em cada grupo, socializando para o restante da turma.

De certa forma, mesmo não construindo um acordo de convivências com a turma como já foi mencionado no trabalho como uma forma de enfrentar comportamentos indisciplinados, aconteceu a discussão de vários pontos ligados ao dia a dia na sala de aula e na escola. Foram abordados os comportamentos esperados quando se está convivendo em grupos na escola e fora dela, sendo que as equipes receberam algumas palavras como respeito, solidariedade, companheirismo, cidadania, responsabilidade, cooperação e perguntas como: que tipo de coisas se espera fazer na escola? Quais são os comportamentos que devemos ter no ambiente escolar e na sala de aula? Como devemos nos comportar em relação às outras pessoas?

b) Trabalho com a Pintura e discussão das imagens mostradas² abaixo



Essa tarefa objetivou os cuidados com o meio ambiente e ao mesmo tempo contribuir para diminuir a poluição na sala de aula visto que era comum alguns dos alunos jogarem papel no chão e apontarem o lápis fora do lixeiro, assim contribuindo com a organização da escola. A análise da imagem discutindo o que os personagens faziam em cada uma e a comparação com o que se via em sala de aula ou eles mesmos se sentiam a vontade para falar, destacando sempre a preservação do meio ambiente e a convivência coletiva. Eles demonstraram muita empolgação ao pintar os desenhos e depois de colorirem, dialogamos sobre as imagens e elogiamos os trabalhos de cada um.

²Disponíveis, respectivamente nos seguintes links:

<http://sustentabilidadeparacrianças.blogspot.com/2011/03/desenhos-para-colorir.html> e
<http://meioambiente.culturamix.com/natureza/desenhos-sobre-a-poluição-do-planeta>

c) Dinâmica respeito as diferenças – esta atividade teve como objetivo trabalhar o diálogo entre eles, estimulando o respeito para que cada criança percebesse a necessidade de aceitar cada pessoa, cada coleguinha do jeito que é. Desenvolveu-se com a sala em círculo e distribuiu-se a cada um uma bexiga para eles encherem e pregarem no chão, à sua frente com fita adesiva. Quando todos fizeram o que foi pedido, começamos a perguntar a eles como é que estavam as bolas, se eram do mesmo tamanho, quais as características que tinham e se com todas as diferenças que eles falavam tinham deixado de ser bexiga. Estimulamos a conversa, o diálogo conduzindo para que comparassem as bexigas a nós, entendendo que cada um tem seu jeito de ser, gostos diferentes, histórias de vida diferente das dos demais e nem por isso ninguém deixa de ser gente ou é melhor ou pior do que o outro, destacamos que todos merecemos respeito, mas para isso temos que respeitar também. Foi uma conversa muito boa e produtiva, pudemos contar com a participação ativa das crianças.

A realização deste bloco de atividades nos permitiu contar com o engajamento e a participação da maior parte dos alunos, pois em geral demonstraram que os temas trabalhados eram importantes, aparentando ser uma novidade aqueles assuntos serem tratados usando dinâmicas, atividades mais lúdicas e histórias.

Os alunos participaram das atividades tanto fazendo perguntas como relatando cenas e acontecimentos do ambiente escolar ou mesmo em suas casas. Para todos os exemplos citados por eles fomos tentando mediar, explorando o questionamento e a participação deles para chegarmos a uma ideia do comportamento ideal que deveríamos desenvolver em cada situação.

Observamos ainda que eles mantiveram a sala mais limpa e que o diálogo sobre as normas de convivência coletiva surtiu efeito, pois no período de regência, a maioria ficou mais atenciosa e participativa, fazendo com que pudéssemos trabalhar os conteúdos específicos das matérias.

Observamos assim que foi mais produtivo e rico envolver os alunos no processo de diálogo para discutir, entender e eles poderem dar sua opinião em vez de só ficarmos repetindo que não pode isso ou não pode aquilo intervindo apenas dando broncas nas crianças.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os autores ressaltam indisciplina como sendo uma ausência de obediência a regras, dizem também que pelo fato de haver várias causas possíveis para comportamentos indisciplinados que há uma transferência de responsabilidades em relação a ela e que em vez disso precisa-se haver mais discussão que tragam alternativas para resolver o problema.

Os PCN trabalham as relações sociais no convívio escolar não apenas por meio de imposição das regras, mas pela reflexão do que elas significam e da sua importância para que as pessoas possam conviver bem no mesmo espaço. O documento busca o desenvolvimento da autonomia dos alunos e propõe o trabalho com temas como respeito mútuo, justiça, diálogo e solidariedade.

Em sala de aula, uma maneira interessante de lidar com as normas é envolver os alunos na discussão dessas normas, sendo assim mais produtivo trabalhar com o tema do comportamento por meio de diálogos, debates, por atividades que tenham uma capacidade educativa para desenvolver a autonomia e a responsabilidade dos estudantes sobre os seus atos.

REFERÊNCIAS

Brasil. Lei nº. 9394/96 de 20 de dezembro de 1996. **Diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, DF: Congresso Nacional, 1996.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**: apresentação dos temas transversais, ética. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Terceira versão. Brasília: MEC, 2017.

BUENO, Silveira. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo. FTD, 2000.

CAEIRO, J.; DELGADO, P. **Indisciplina em contexto escolar**. Lisboa: Instituto Piaget, 2005, p. 24.

GARCIA, J. **A gestão da indisciplina na escola**. In: COLÓQUIO DA SECÇÃO PORTUGUESA DA AFIRSE/ AIPELF. 11, Lisboa. Anais...Lisboa: Estrela e Ferreira, 2001. p. 375-381.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v. 1, n. 3,

1996. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/C03-art06.pdf>>. Acesso em: 03. 2019.

VEIGA, H. **Indisciplina e violência na escola**: práticas comunicacionais para professores e pais. 3. Ed. Coimbra: Almedina, 2007. p. 9.